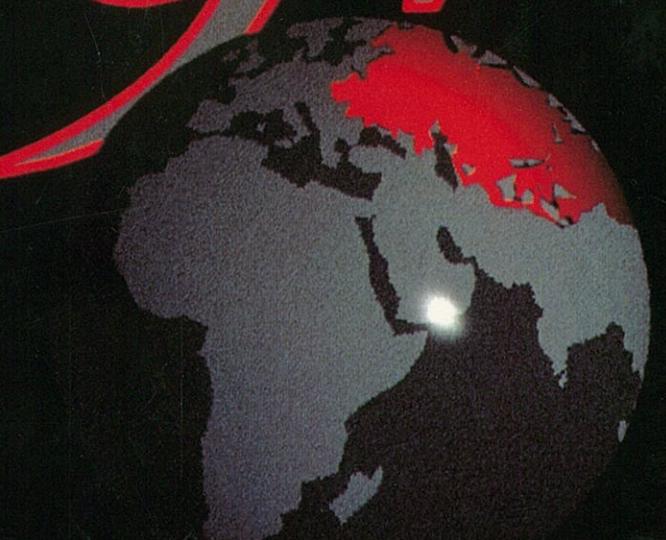


# GRANDE REPORTAGEM

N.º 11 Ano III — 2.ª Série — Fevereiro 92. Preço: Continente - 500\$00; Madeira - 550\$00; Açores - 585\$00. Director: Miguel Sousa Tavares

# 1992



## A NOVA DESORDEM MUNDIAL

EUROPA: CEM ANOS DE GUERRAS  
QUANDO A POLÍCIA MATA  
GUADIANA, DA NASCENTE À FOZ  
MÉXICO  
MARCEL PROUST

ISSN 0871-9306



# Reportagem

- 34 **URSS: teremos nós alguma hipótese ?**  
— Vladimir Vessenski
- 42 **Rússia, a maldição da história**  
— Carlos Santos Pereira
- 48 **Licença para matar**  
— Fernanda Cáncio
- 60 **Cem anos de guerras**  
— Eric Biegala
- 70 **Porto Krishna**  
— Victor Carvalho



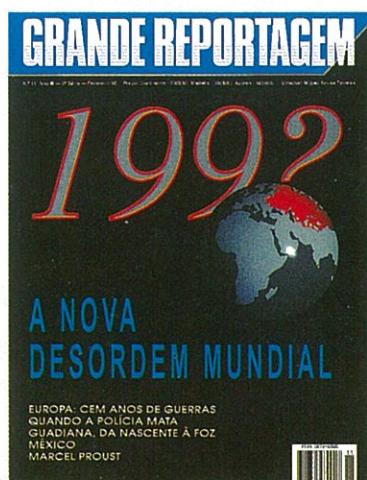
**RÚSSIA**  
Acordar um dia num país diferente

## Viagem & Aventura

- 78 **México, al lugar de su quietud**  
— Gonçalo Cadilhe
- 90 **M'zab: o dia do juízo final**  
— Marques Gomes
- 93 **Guadiana, viagem ao longo de um rio**  
— Rui Guita
- 102 **Bolsa de viagens**  
— Henrique Moraes
- 102 **As viagens que eu não fiz**  
— Luísa Costa Gomes

## Cultura

- 112 **Marcel Proust**  
— Fernanda Pratas
- 117 **Jean Rhys**  
— Fernanda Cáncio
- 122 **Timor**  
— Steve Cox

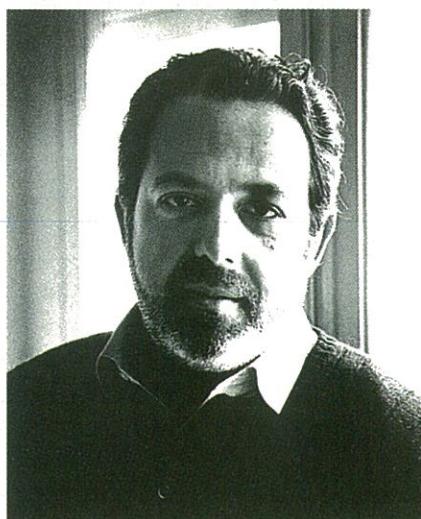


**CAPA**  
Era uma vez  
o maior  
império da  
terra. E agora?

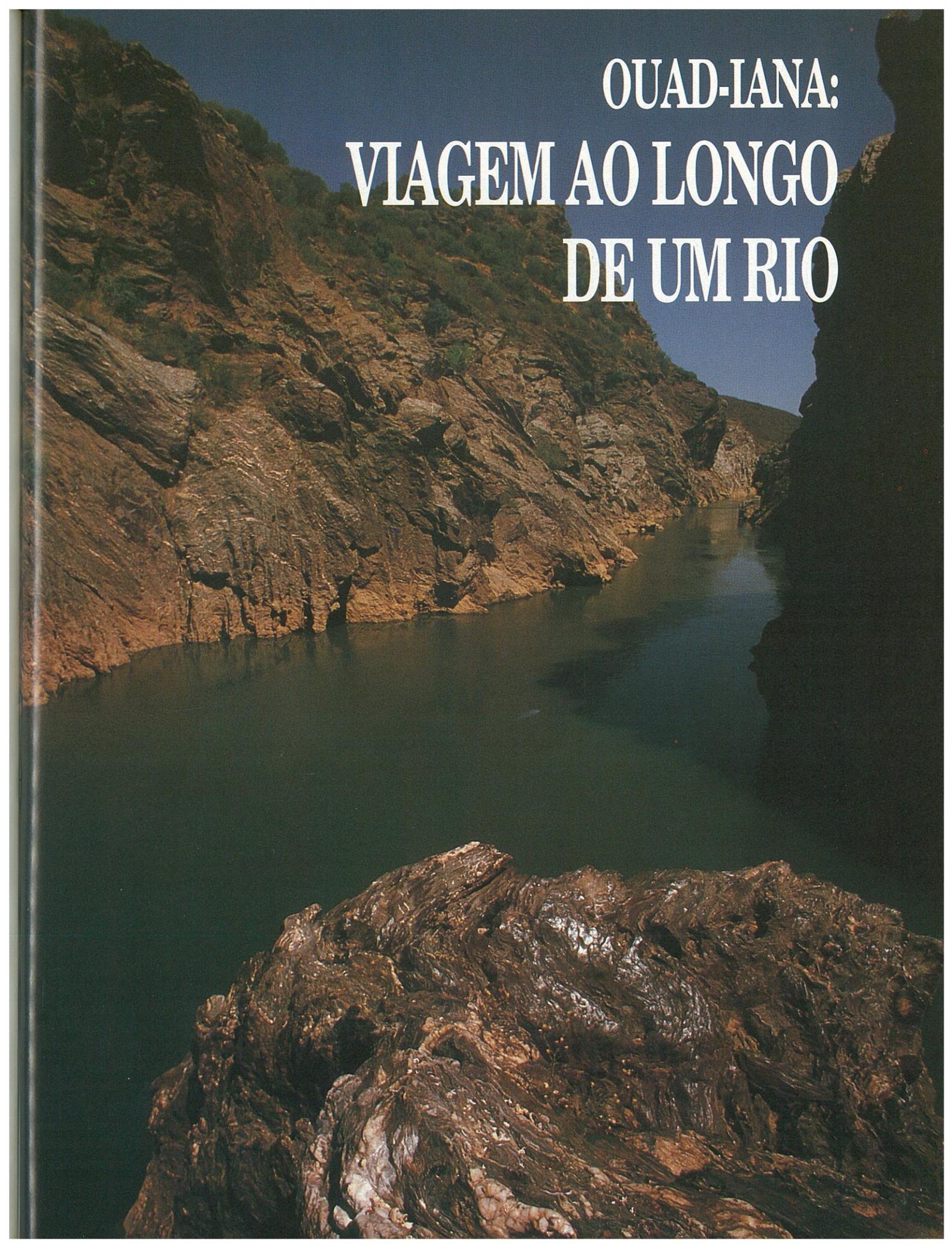
Foto: Gamma/  
Photosprint

## Janeiro

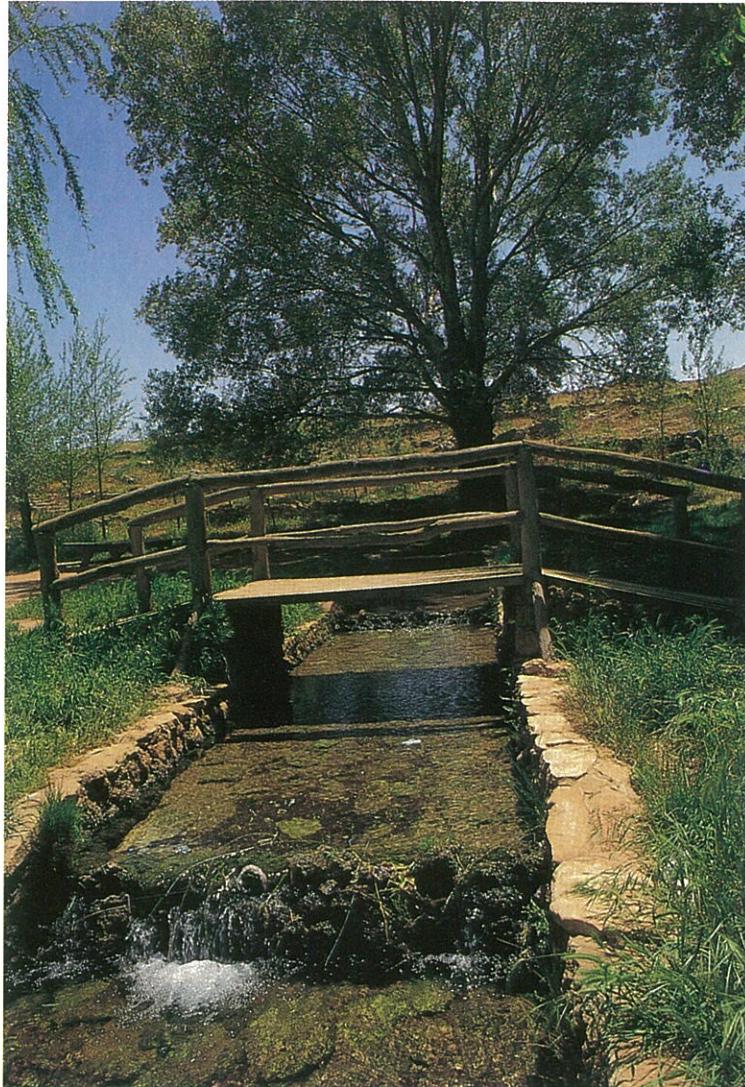
- 4 **Do fundo do coração**
- 7 **Fotossíntese**
- 9 **Editorial**
- 10 **As coisas que se dizem**
- 12 **Outra gente**
- 17 **Crónica**  
— António Lobo Antunes
- 18 **Pé de página**
- 22 **Entrevista: Pacheco Pereira**



Vem da geração de 68, das lutas estudantis e do "radicalismo cultural". Hoje é vice-presidente do grupo parlamentar do PSD e acérrimo defensor do "Portugal novo".



# OUADIANA: VIAGEM AO LONGO DE UM RIO



Debaixo deste choupo, como que por magia, nasce o Guadiana, em Borbotón del Pinilla

# O GUADIANA

**Ninguém sabe exactamente donde surge. É o rio mais misterioso da Península. Nasce a 200 km do Mediterrâneo e, no entanto, teima em percorrer 400 km no sentido oposto para ir desaguar ao Atlântico. Manias de rio? Protegido desde sempre pelos deuses, o Guadiana enfrenta com brio as agressões dos homens, até consumar o seu destino. É uma viagem encantada ao longo da paisagem mais bonita do mundo.**

**O GUADIANA NASCE A MAIS** de 1000 metros de altitude, no Campo de Montiel, um extenso planalto de calcários no limite oriental de Castela-a-Nova. Cada um dos seus mil quilómetros de extensão aproxima-o mais um metro do nível do mar que vai encontrar em Castro Marim.

Mas a viagem é das mais atrabiladas. Subterrânea e de ar livre. Entre os calcários mais brandos e os quartzos mais duros da Península. Umas vezes esgoto e outras reserva de vida selvagem. E quase sempre mal tratado ao

longo do caminho. O Guadiana, refúgio dos deuses e colector de lixo.

Viveros é uma aldeia castelhana com as cores da terra quando está despida e seca pelo sol ibérico. Presa em silêncio por detrás das janelas gradeadas e liberta em cada bodega. O cheiro do tabaco negro e a vozaria de sons ásperos dão o tom do discurso. Seja o que for, Viveros parte do que é, tem penas de perdiz, *bocadillos de jamon serrano y tapas de muchíssimos sabores*.

A chegada a Viveros sucede a

travessia do deserto. O oásis tem um lavadouro à entrada, a Calle Real, por onde as manadas de touros da Andaluzia sobem às pastagens mais tardias do planalto, e o mais complexo sistema hidrológico alguma vez destruído aquém-Pirenéus.

É nestas planícies infinitamente chatas e muitíssimo bem arejadas que nasce o braço mais comprido da infalível regra gravitacional conhecida como Guadiana. Ou Flumen Anas para quem viver na alcada do império romano. Wadi Ana para os homens de Damasco

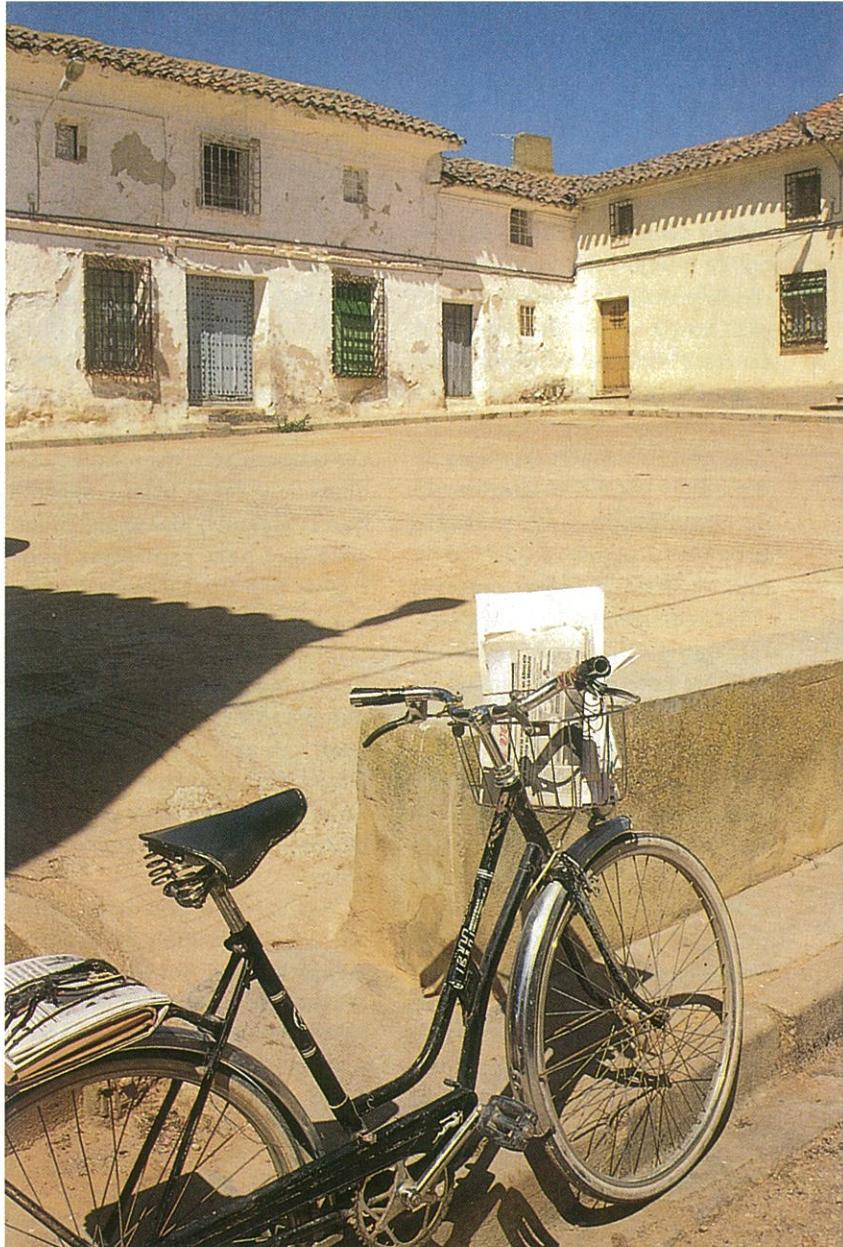
e Ouad-Iana para os seguidores de Al-Mansur, que já sabia do Norte de África que os rios são coisas que num dado momento são intransponíveis e noutro já nem sequer existem.

Para quem não sabe, o Guadiana já não nasce onde nascia (este rio é um paradoxo natural). Quem me iniciou no espinhoso assunto da hidrologia manchega foi Pepe (António), guia indígena, mecânico, pescador e amante das águas. Para descobrir a primeiríssima, a única e a mais legítima mãe-d'água do Guadiana, acompanhei-o por entre matorrais repletos de perdizes, numa paisagem lisa de carrascos, searas com um palmo de altura e estradas rurais cheias de calhaus.

Imaginem o espanto do explorador que, depois de atravessar searas num chão de terra a esborar-se, se encontra no meio de uma destas olhando para um marco de pedra que assinala a primeira fonte de um rio que vai percorrer a Ibéria de lés a lés. Sem fonte nenhuma. Nem pingão de água. No sítio da ex-fonte estava um bonito tapete de trigo verde com uma enorme actualidade. Daqui seguimos o antigo curso de água.

Passamos o poço de Caña Mirones, à beira de uma antiga lagoa transformada em terra de cultivo. O poço está completamente seco, mas Pepe ainda se lembra de lá pescar belas bogas (exacto, dentro do poço) e das festas que toda a aldeia de Viveros fazia na margem da lagoa, com vitelo assado e vinho tinto. Há aí uns 40 anos.

À medida que avançamos de poço em poço e de nascente em nascente, começa a surgir a água. Uma água límpida que brota, aqui e acolá, de um reservatório enorme que está em todo o lado por debaixo dos nossos pés. Todos estes olhos do Guadiana estão cegos, Caña Mirones, Algunica e todas as lagoas próximas. Foi preciso chegar à fonte do burro para matar a sede. Mas mesmo esta não



Viveros, a povoação mais próxima da nascente do Guadiana. A água do tanque vem já do rio

tem água que chegue para começar um rio. Um rio de ar livre, note-se. Porque os rios subterrâneos atravessam o subsolo de todo o planalto de Montiel, espécie de queijo esburacado. Nesta região plana e de permeáveis solos calcários, a água infiltra-se até às camadas argilosas inferiores, onde se acumula e escorre formando aquíferos e rios subterrâneos.

É devido à sobreexploração de um destes lençóis, pela extração de águas para rega e consumo urbano do aquífero 23 (só uma imensidão de hectómetros cúbicos da melhor água do planeta), que o Guadiana mudou de local de nascimento. O nível do aquífero desceu, a nascente passou para uns quilómetros mais adiante e uns metros mais abaixo. Neste meio termo de cerca de 40 anos desapareceram sete ou oito quilómetros de ecossistemas ribeirinhos, lagunas e pauis, pouso de patos e *habitat* de percas, bogas e lúcios. Para não falar nos locais de refrigério e evasão dos habitantes de Viveros não totalmente entrevados.

Laguna la  
Lengua, em  
Ruidera

Quem chega ao primeiro manancial do Guadiana deixa de ter dúvidas quanto às histórias que contam deste rio. Debaixo de um choupo enorme e reboludo, mesmo entre as raízes deste exemplar digno de passear nas frondes meia dúzia de druidas, nasce uma das fontes mais encantadas que já me foi dado ver.

A água que surge entre as raízes traz nos reflexos o brilho dos olhos de todas as fadas e duendes que habitaram o planalto manchego e que pela proliferação da espécie humana não mais se atrevem a deixar o subsolo.

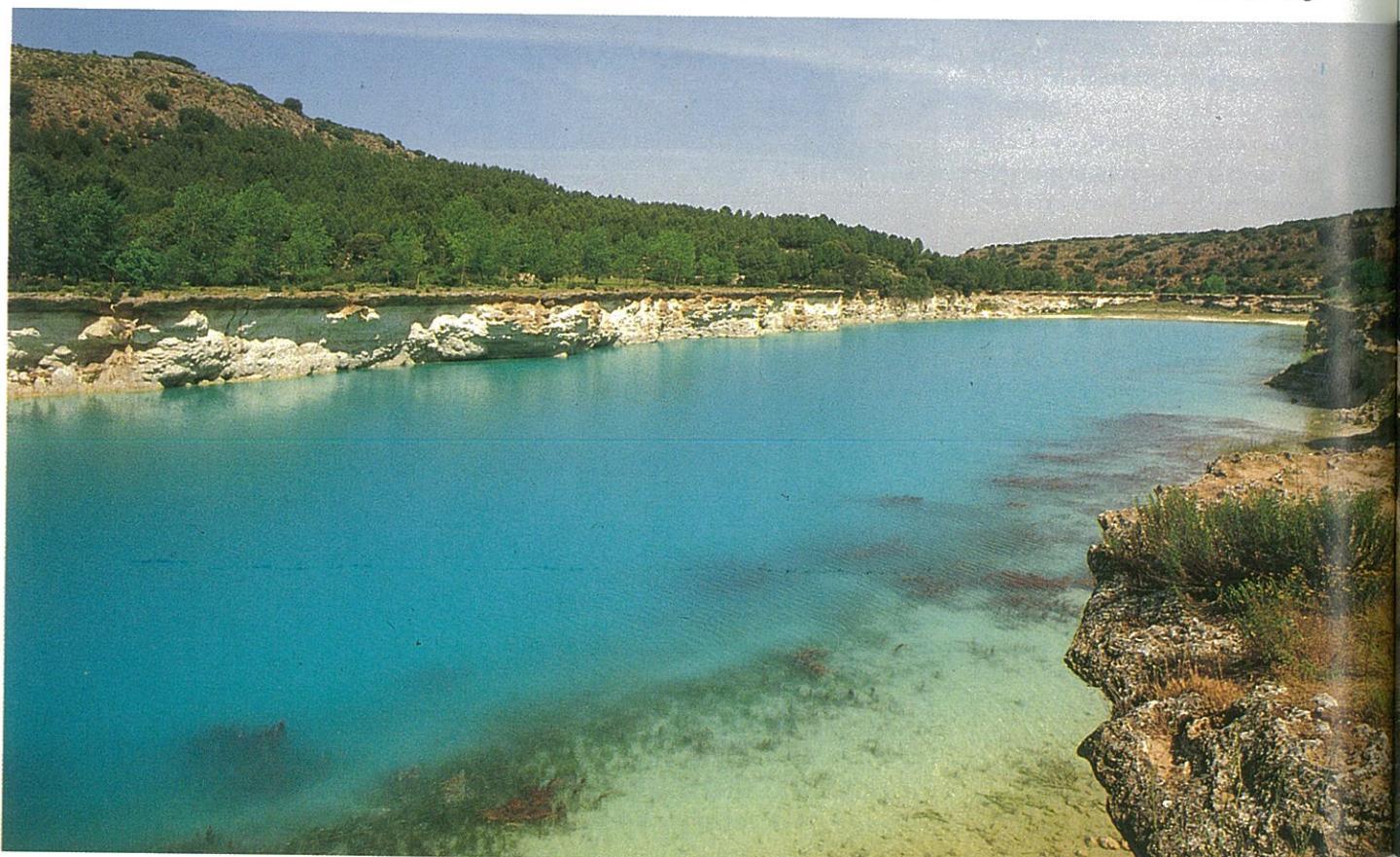
Mal a água sai do Borbotón del Pinilla logo encontra um ribeirinho cheio de plásticos, embalagens vazias e outros dejectos. Daqui para diante o destino do rio está traçado e é quase sempre o de ir perdendo o brilho dos seus olhos.

Assim vai o Guadiana Alto, que aqui ainda se mede em decímetros cúbicos por segundo e se chama Arroyo Pinilla. De choupo em choupo e de fonte em fonte, encontra as lagunas de Ruidera,

que a geração anterior de portugueses foi ensinada a reconhecer como a nascente do Guadiana.

Ruidera são quinze lagoas de fundo alvo e águas azuis que se visitam umas às outras por cascatas e canais subterrâneos. Há muitos muitos anos, quando a Mancha ainda era uma bacia endorreica, por aqui passava um enorme rio subterrâneo emissário das águas de todo o planalto de Montiel. Tão grande era ele que um dia ficou grande de mais e o tecto da caverna por onde corria desabou, deixando à vista um vale de calcários brancos, com lagos transparentes entre encostas abruptas.

Aqui chegamos no fim de uma tarde de Primavera. À luz do poente a Laguna del Rey é uma loucura da natureza aliposta de propósito para deslumbrar os olhos do viajante e manter-lhe a boca aberta durante os minutos que faltam para a luz se ir. Nem os windsurfers nem as casas de lago suíço abalam o espanto de ver os patos a passear por todo o lado e o fundo branco do lago



através da água tão transparente como se fosse do Luso.

Cervantes conta as miríficas origens dos espelhos-d'água de Ruidera. Como dizia D. Quixote, triste destino teve a fada Ruidera, com as suas filhas e sobrinhas. Tão triste foi que o mago Merlim dele se apiedou, e para não mais ouvir o pranto das belas damas as livrou para sempre da terrena luta, cheia de maus passos e desilusões: transformou-as todas nos espelhos-d'água de Ruidera. As sete filhas da fada, jovens de rara beleza, tornaram-se lagunas de água cristalina que foram depois do rei de Espanha: Colgada, Blanca, Tomilla, Tinajas, Redondilla, Batana e Taza. As duas sobrinhas, igualmente jovens e belas damas a quem o escudeiro Guadiana não pode destruir as amarguras, são, desde o merlínico golpe de misericórdia, as lagunas Cenagosa e Colladilla.

Quanto ao escudeiro Guadiana, acompanhou as amas na sua nova forma e passou a ser o fiel emissário encarregado de levar as lágrimas das suas senhoras ao oceano.

**Daqui para  
dante o destino  
do rio está tra-  
çado e é quase  
sempre o de ir  
perdendo  
o brilho dos  
seus olhos**

Há muito tempo que não faltam senhores a este rio. As duas primeiras barragens da Península, que datam da ocupação romana, estão na sua bacia e depois destas

muitas outras foram feitas. Logo abaixo da última sobrinha de Ruidera, Cenagosa, começam as águas do Embalse de Peñaroya, que vão até ao castelo do mesmo nome. Este, depois de ter albergado bizantinos, mouros e outros, vigia agora o paredão de cimento erguido no estreito a seus pés. A servidão é de tal ordem que quase não lhe sobram forças para levar as águas encantadas até ao mar. Do Guadiana resta um fio de água infiltrado sob as paredes, em fuga para um dúvida destino. Neste ponto só Merlim poderia dizer se algumas gotas do seu feitiço chegarão ao mar dos atlantes.

Depois de Peñaroya vem El Vicário. Depois de El Vicário, o escudeiro, cujas forças estão na última, meandria pela Mancha e perde-se exangue, como os rios que Al-Mansur conhecia do Atlas norte-africano.

Foi preciso atravessar meia Mancha, cheia de searas e vinhedos, para descobrir a primeira pista do rio desaparecido.

Fomos aos olhos do Guadiana, ver se o brilho estava lá. O rio não

**O Guadiana à  
entrada do Paso  
de las Hoces**



estava. Parece que o amo abusou do escudeiro e ele está de pele e osso. Há alguns anos atrás o escudeiro usava reaparecer no local conhecido por Ojos del Guadiana, ligeiro e transparente, qual Fénix renascida; não era exactamente a mesma de antes das cinzas mas sempre era uma Fénix. Só que também estes olhos estão cegos. Onde estava um rio a renascer está hoje uma espécie de vale lunar de solo poeirento negro-cinza virado e revirado por bulldozers. Do escudeiro resta uma placa na estrada que atravessa o lugar: rio Guadiana. Epítápio?

Fomos à menina dos olhos da coroa, o seu terreno de caça predilecto, onde nobres de sangue ainda mais azul buscavam presa de pena e pelo também — o Parque Nacional de las Tablas de Daimiel. Tablas porque é um sítio chão, inundado pelas águas de quase todo o queijo manchego e repleto com toda a avifauna que vive e passa pela Península.

Verdade seja dita, a coroa teve reais cuidados com o seu jardim de Inverno. No maior juncal da Europa, por todo o lado voam patos de todas as cores, galinholas, tarambolas e outros anátidas. Fazem-se aclimatações de espécies desaparecidas com exemplares vindos do Coto de Doñana, há lagoas fechadas para o visitante poder ver sem ser visto e passadeiras ecologicamente consequentes para que a visita não se resuma a uma olhadela desde o parque das merendas.

Mas, espanto dos espantos, a água das Tablas não é a do Guadiana: há muitos anos que ela é desviada para outros usos. Os níveis freáticos são mantidos com a derivação de caudais do Tejo.

Depois das Tablas, o rio (que nome lhe chamaremos agora?) interna-se cada vez mais pelas serranias quartzíticas do seu médio curso. É neste Guadiana de los Montes que tudo volta à normalidade: um rio com água e margens. Mesmo que a água não seja muita e as margens sejam um tapete de

nenúfares que as manadas de touros atravessam de um lado para o outro como se fosse o ribeiro lá da nossa aldeia, há algo de sólido que contém o líquido.

À medida que a pedra se ergue cada vez mais e a água a vai cortando sempre para baixo, o

precipitações mais baixa da Península, que nem sempre atinge os 400 mm anuais, uma gota livre é uma gota perdida. As paredes de cimento estrategicamente colocadas, os canais e as turbinas multiplicaram-se desde os anos 50 e continuam a aparecer aqui e ali, agora nos afluentes já que o colector principal está quase sempre ocupado.

Quando o rio deixa os montes e se torna Guadiana de las Vegas, a viagem é longa e a poeira dos caminhos já se faz sentir. Antes da Mérida imperial já as águas correm mais turvas que límpidas, e as que passam debaixo da ponte romana mais sujas vão ficando. Parece impossível, com tanta falta de água, mas o facto é que a única ETAR de vulto construída ao longo de todo o curso do rio, a de Badajoz, nem sequer está a funcionar. A porcaria de uma província inteira é engolida pelo desamparado escudeiro, a quem o serviço de saúde nem sequer paga um rim artificial. Medievalices?

O Guadiana, que na maior parte do seu curso corre para oeste, com as tergiversações impostas pelos montes de Toledo e outras cristas do caminho, assim que toca o solo português vira para sul evitando o maciço de Évora. Já andou quase 800 km e ainda lhe faltam mais 200, nem por isso os menos atribulados.

Desde o Caia até ao mar a água vai pular por cima de setenta açudes. Vai deixar para trás duas centenas de moinhos de água que já não lhe usam a força, cada qual com o seu nome e a sua forma, rochedos feitos à mão para que o rio passe por cima durante a fúria invernal e pelos rodízios durante a acalmia de Verão.

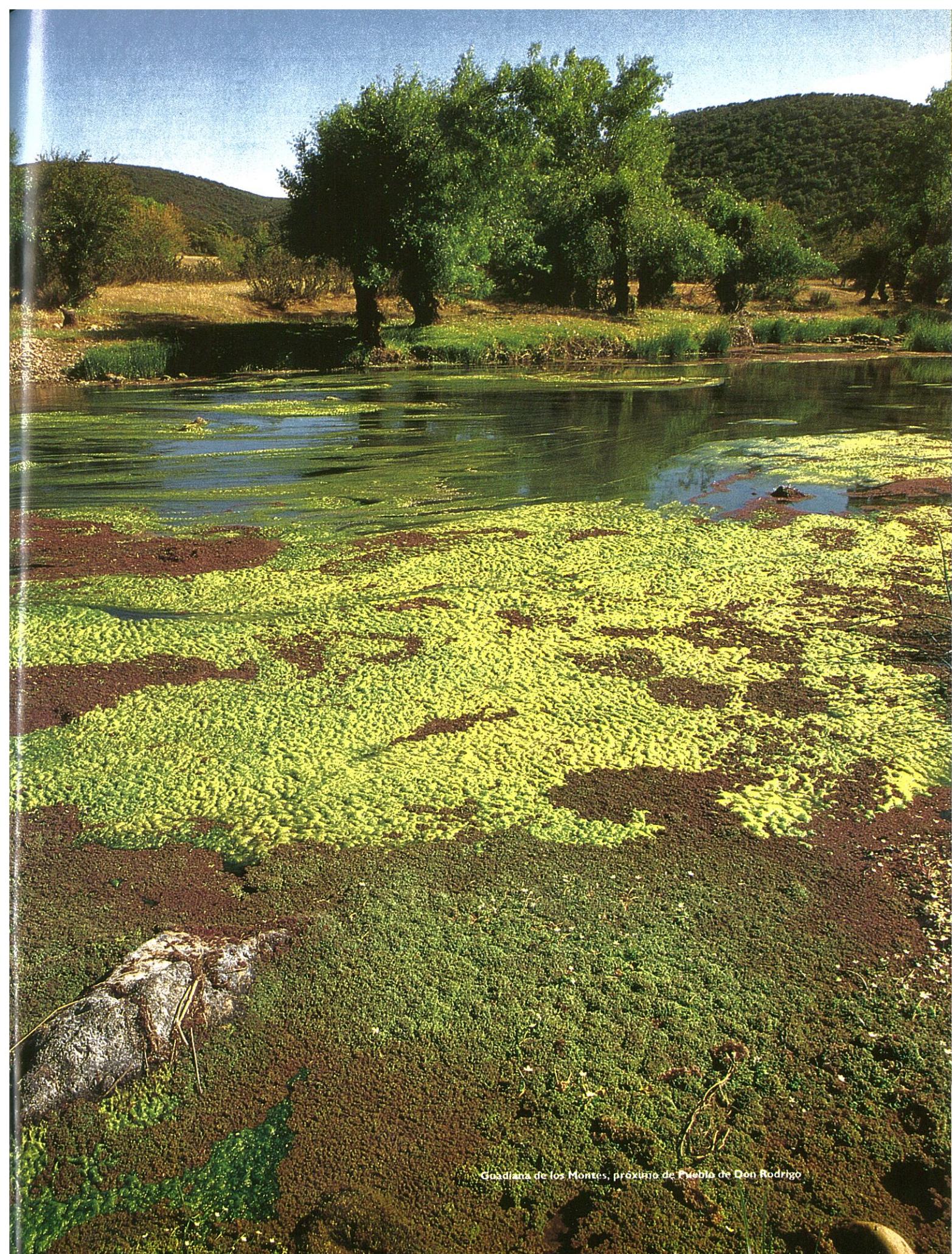
Depois das Vegas de Badajoz o rio começa a cavar cada vez mais o seu caminho em terra estranha, criando o seu mundo próprio, geralmente hostil aos homens e afastado das povoações. Em Juromenha, a antiga Djelmania dos muçulmanos, o rio corre entre o enorme monte acastelado

## Agora, o rio começa a cavar cada vez mais o seu caminho em terra estranha

Guadiana aproxima-se do Paso de las Hoces. Fica apenas a alguns quilómetros de Puebla de Don Rodrigo e tem estrada até lá. Vale a pena ir ver os trabalhos que o escudeiro passou para atravessar a Sierra de los Bueys.

O rio é aqui uma tira de água retalhada entre gigantescos calhaus arredondados que têm, lá muito em cima, uma nesga de céu onde passam em círculos as águas e os abutres. Para quem se vê lá dentro quando o sol já não está a pino, é uma caixinha de frescura sombreada por freixos, uma caixa de música com canto de pássaros, o cair de água das fontes e chocinhos de cabras sem pastor.

Vale a pena seguir os dez quilómetros do desfiladeiro quanto mais não seja para saber como é o último remanso espanhol do escudeiro. É que daí em diante tudo o mais são barragens, centrais hidroeléctricas e bocas de esgoto. Cíjara, Garcia de Sola, Orellana, Canal de las Dehesas; o Sul precisa de água e é água o que o Guadiana tem. Com a média de



Guadiana de los Montes, próximo de Pueblo de Don Rodrigo



**À pesca dos  
acheigas e tai-  
nhas que as  
celuloses e os  
esgotos deixam  
escapar**

só os bichos e os pastores visitam. Pior, aqui ainda se pode encontrar uma ou outra lontra arisca aportar a uma cascalheira no fim do dia e adormecer longe de qualquer barulho. Do rio fica a recordação de um fluir suave e harmônico, sem qualquer relação com a sua força invernal de enxurradas e cheias destrambileadas, como a de 18 que em

do lado português e as planuras irrigadas do lado espanhol. Em qualquer dia de Verão o escudeiro parece quase não ter movimento, divagante e zonzo pelo calor e pela sangria das bombas de água de rega.

É nesta parte que podemos encontrar o rio coalhado de ilhotas, cobertas de freixos e garças e atravessado por paredes de pedra erguidas pelos moleiros de há centenas de anos, em sítios que

Mértola chegou a 30 metros acima do nível normal de Verão.

Em Portugal os trabalhos para travar a louca corrida do escudeiro em busca do mar quase não existem. As barragens são poucas e estão todas nos afluentes. Destas poucas, a maior parte está subaproveitada. E não posso deixar de dizer que, até agora, aquilo me deu mais gostos do que desgostos.

Nem vale a pena pensar o que seriam o Pulo do Lobo e o Moinho do Cu de Pato debaixo de vinte metros de água parada. Imagine-se o mais espectacular vestígio geológico das transgressões marinhas do terciário completamente atulhado de aluvião e, com ele, uma coleção completa dos melhores exemplos de uma indústria de moagem com um milhar de anos de presença na bacia. Calcule-se o prejuízo ecológico de um ecotípico ribeirinho repleto de endemismos a ser afogado debaixo de mil milhões de metros cúbicos de água e ter-se-á a dimensão da perda. E, provavelmente, a unidade de reciclagem de papel da Portucel em Mourão deixaria de descarregar águas residuais diretamente no rio, uma vez que também é crime efectuar despejos poluentes em albufeiras.

O que acontece agora é que o escudeiro vai digerindo lentamente aquele almoço tão pouco digno da viagem. Próximo da Aldeia da Luz, o castelo da Lousa ainda o vê passar meio enfermiço. Abundam os plásticos pendurados nas árvores da margem e, de quando em vez, aparecem uns bolos de pasta

acinzentada que se vão desfazendo nas quedas de água dos açudes.

Até ao maior salto de todos, o Pulo do Lobo, o antigo moço das cores de Ruidera vai treinando em moinhos de Clérigos, Bispos, Beatas, Padres, Capitães, Meirinhos, Cerdeiros, Manueis e Almoxarifes.

Para quem não sabe, a fase final do Guadiana é, e sempre foi, o meio mais rico de todo o seu curso. Foi percorrido por todos os navegantes que andaram pelo Mediterrâneo. Fenícios e cartagineses, romanos e gregos, muçulmanos e bizantinos, uns piratas e a maior parte comerciantes em busca de metais peninsulares. Todos eles aportaram em Mértola, o último ponto navegável rio acima e o entreposto comercial entre o interior desta parte da bacia e o resto do mundo conhecido.

Muito antes destes passageiros do vento aqui chegarem, já o Guadiana tinha conhecido várias gerações de habitantes indígenas, grupos recolectores que viviam em função do rio e da sua cíclica abundância de vida e que se sepultavam esplendorosamente no alto dos montes em antas viradas a nascente.

Nessa época, inúmeras espécies migradoras subiam o rio para desovar ou completar o seu crescimento: enguias e lampreias, esturjões, sáveis e muitos outros. Foi esta abundância de fauna num troço de setenta quilómetros constantemente varrido pelas marés ou pelas enchentes que manteve até há uma dezena de anos as comunidades piscatórias das margens a jusante de Mértola. Isto, é claro, foi antes de as barragens espanholas terem diminuído os caudais de cheia.

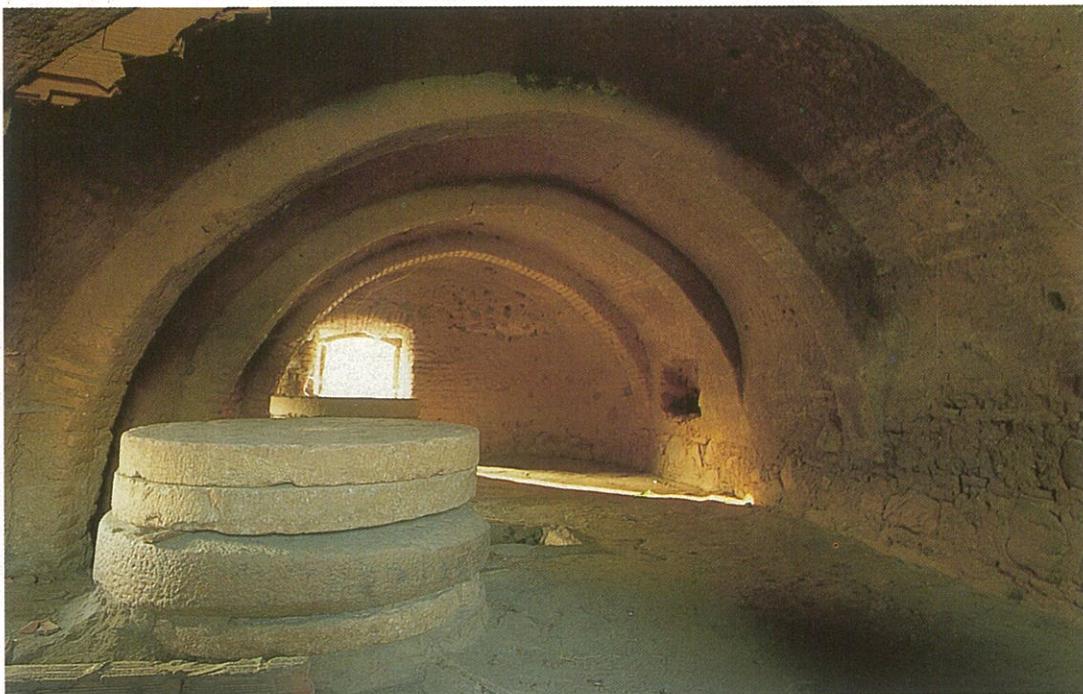
A água que agora corre a conta-gotas já não limpa o leito durante a pulsação invernal (digamos que o escudeiro já precisa de um *pacemaker*) e arrasta consigo um rol enorme de inimigos invisíveis: cádmio, chumbo,

mercúrio e todos os metais pesados que se acumulam e concentram ao longo da cadeia trófica.

O ponto mais sensível está entre o Pulo do Lobo e o ponto mais interior onde chega a maré, um pouco a montante de Mértola. Em épocas de baixo caudal, a água que salta o cachão de quinze metros para o Pego dos Sáveis acaba por passear para baixo e para cima ao sabor das marés, demorando a chegar ao mar. Os efeitos são desastrosos.

É neste troço do rio que se encontra demarcada uma zona proposta para área protegida, espécie de embrião de um futuro Parque Natural do Vale do Guadiana. Não são só as lontras que precisam de ver protegido o seu *habitat*. São também as orquídeas e os insetos raros, os minúsculos ciprínidas que só aqui existem, os últimos casais de abutres e cegonhas negras, bem como os artefactos das gerações anteriores. A Azenha da Brava, com os seus dois caneiros semidestruidos, e o Moinho dos Canais, que possui a última das três armadilhas de pesca à lampreia do Guadiana, entretanto desactivada pela recente proibição de utilizar aparelhos de peca fixos.

O escudeiro está prestes a atingir o seu objectivo mas já quase não é o paladino das fadas que tão longe deixou. O pó acumulou-se



Próximo de Serpa, um dos 200 moinhos que outrora davam vida ao Guadiana



Ao atravessar Mértola, o rio aproxima-se já da foz, cansado dos maus tratos sofridos ao longo de mil quilómetros

na armadura e o banho em que mergulha no fim sabe a sal. O último embate é uma luta de avanços e retrocessos ao sabor da maré.

Entre o Pomarão, antigo porto mineiro que escoava as pirites de S. Domingos, e Alcoutim, as águas são já salobras e a areia das margens tornou-se no lodo dos sapais. Até à foz já não é o rio que vai ter

com o mar, mas este que mistura as suas águas mais limpas na corrente.

À medida que nos aproximamos de Castro Marim e do sapal, os montes vão ficando cada vez mais baixos, o leito cada vez mais largo e as curvas cada vez mais abertas até que o escudeiro tem todo o espaço do mundo para se perder. □